

O BEIJO E O VINHO



Tu te lembras, estouvada,
Quando sem modos, sem pejo,
Enchendo a bocca de vinho,
Passaste-o, devagarinho,
À minha bocca, num beijo?
Achei a idéa engraçada
E original o manejo...

A tua bocca encarnada,
A me beijar de mansinho,
Sorria pelo meu beijo,
Toda manchada de vinho.
Desde esse dia não vejo,
Para minha alma embriagada,
Outra bocca em meu caminho.

A causa, entanto, estouvada,
Dessa embriaguez de desejo,
Mais doce que o teu carinho,
Não pude ter decifrada...
Não sei se foi o teu beijo...
Não sei si foi o teu vinho...

Lulz Edmundo



Os homens sabem,
— simplesmente, por
experiencia de sua propria robustez — que a bôa saude dá mulher.
As mulheres sabem mais... sabem que

A SAUDE DA MULHER

— o melhor remedio para curar os incommodos das senhoras — lhes
dá a alegria da vida, porque conserva a formosura e assegura a
belleza na unidade e na multiplicação da especie...



VISITEM O

AO 1.º BARATEIRO

Avenida Rio Branco, 100

Exposição das ultimas creações da
moda parisiense em vestidos para
baile, thea'tro e passeio - - - -

BANHO

Usae sempre

SABÃO

ARISTOLINO



CASPA

LAVAE A VOSSA CABEÇA COM

Sabão ARISTOLINO

O grande preservativo das molestias cutaneas, cura rapidamente golpes, queimaduras, contusões, dores, feridas, espinhas, manchas da pelle, nodos, combate a caspa e queda do cabello. Faz desaparecer os cravos, darthros, eczemas, empingens, assaduras, irritações e comichões.

Que é a felicidade?

A felicidade é o amor. Para ser feliz, é preciso amar. Para amar, é preciso ser forte. E para ser forte é preciso ter usado o

“SEXUOL”

Remedio providencial, de efeitos assombrosos, incomparavel nos casos de Esterilidade -- Debilidade sexual -- Esgotamento nervoso -- Fraqueza senil -- Cachexia organica -- Inappetencia genesica -- Neurasthenia -- Pouca virilidade, produzida por excessos. Preparação opoterapica, feita segundo o methodo de Brown Sequard. ————— Preço do tubo 10\$000

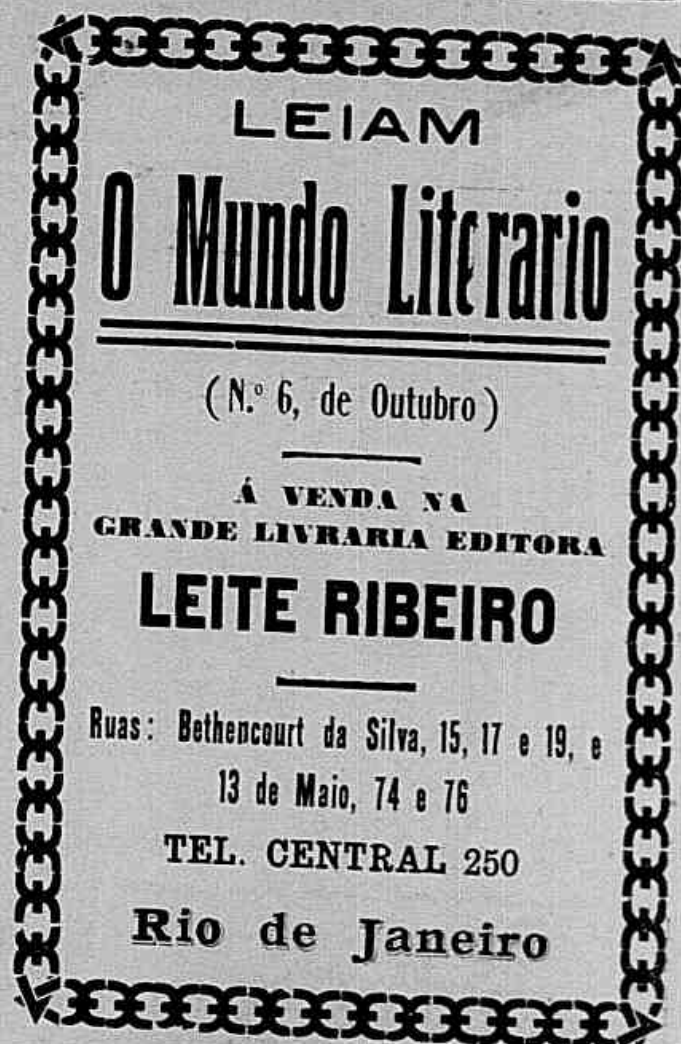
DEPOSITOS { **RIO DE JANEIRO** — HARGREAVES & CIA. — Quitanda, 17.
S. PAULO — MESSIAS, ANDREUCCI & CIA. — *Drogaria Internacional* — Rua Quintino Bocayuva, 18.



BIOTÔNICO FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Em todas as farmacias e drogarias
 Depositarios: Plinio Cavalcanti & Cia.
 Rua da Alfandega, 147 - RIO



LEIAM

O Mundo Literario

(N.º 6, de Outubro)

À VENDA NA
 GRANDE LIVRARIA EDITORA
LEITE RIBEIRO

Ruas: Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19, e
 13 de Maio, 74 e 76
 TEL. CENTRAL 250
 Rio de Janeiro

A Loteria da Cruz Vermelha
 Brasileira é a maior
 e a melhor da America do Sul



HEBE

PÓ DE ARROZ DA MODA
ADHERENTE E PERFUMADO

Caixa 2\$800 — pelo Correio 3\$200

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Deposito Perfumaria Lisboa — OUVIDOR, 55 — RIO

N' "A CASA TEDESCO"

Encontra-se sempre um deslumbrante sortimento de Setins Liberty, Crepes da China, Charmeuse e tecidos de verão, cujo bom gosto, qualidade e preços satisfazem á mais exigente clientela.

Não comprem sem verificarem os seus preços.

Rua Gonçalves Dias, n. 9

Represalia

Em um dos autos-omnibus que transitam no recinto da Exposição, a illustre senhora divorciada, e mãe de uma encantadora creaturinha de 18 annos, atacava severamente o mundo e os seus encantos.

— A falar com franqueza — dizia ella, a uma companheira, corrigindo o véo, — eu detesto os homens, na sua generalidade!

E olhava para um lado e outro, quando o dr. Almachio Diniz observou, sentado no banco que ficava contiguo:

— Esta senhora é muito vingativa!

E como a dama o olhasse, de esguelha:

— Está fazendo com os homens o que os homens fazem com ella!...



MELHOR QUALIDADE MENOR PREÇO

CAMISAS modelo americano em zephir, lutzine, percal, seda, etc., pyjamas, cuecas, meias, gravatas, lenços, collarinhos, ligas, suspensorios, camisas e ceroulas de malha de lã, cache-nez e cache-col de lã e de seda, etc., etc.

Na CASA ESTRELLA

OUVIDOR, 134



OS CONTOS DO CONSELHEIRO

FRANCISQUINHO

Quando o Francisco chegou aos quinze annos, o sr. Victorino viu, logo, com os seus olhos de pae, que o rapaz não passaria, durante toda a vida, de um toleirão. Aquelle riso apalermado, aquelle timidez diante das mulheres, aquelle rubor imprevisito, todas as vezes que se alludia, na sua presença, a um caso galante, enchiam o lavrador de apprehensões, que se tornavam, dia dia, mais fundadas.

— E' o primeiro palerma da familia! — queixava-se, desolado, o pobre pae.

Mas accentuava, numa esperança:

— Quem sabe, porém, se, casando, elle não endireitará?

Foi com esse pensamento que o sr. Victorino pensou em casar o Francisquinho. Alto, forte, espadado, com um rosto de moça e um arcabouço de gigante, o rapaz encontraria, sem duvida, uma rapariga que o quizesse para marido. O essencial era, porém, que a noiva não fosse uma ingenua, uma toleirona co-

mo elle, mas uma creatura expedita, geitosa, experiente. Emfim, que elle fizesse a escolha, arranjando uma companheira, cujo convivio lhe fizesse a revellação gloriosa da vida.

Consultado o tobalhão, este pensou um instante, corou duas vezes, e, na terceira, confessou:

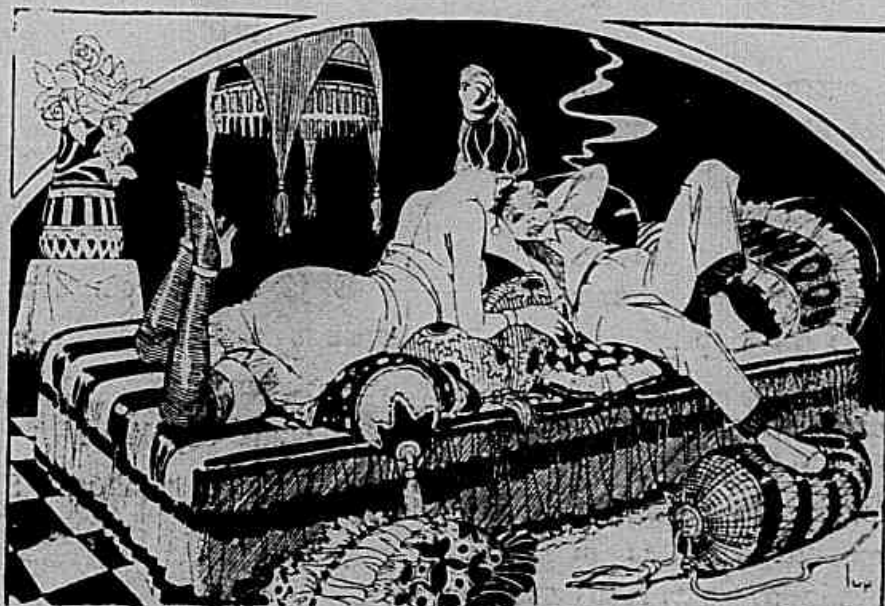
— Eu, meu pae, por mim, escolhia a Luizinha, filha de Dona Janoca!

O primeiro gesto do lavrador foi arregalar os olhos. A Luizinha era uma linda menina, muito

ajuizada, muito direita, muito trabalhadeira. O seu unico defeito era a innocencia, o desconhecimento da vida, que é um jardim, e do peccado, que é a sua flor. Desde, porém, que o filho a escolhia, o sr. Victorino concordou com elle, reservando-se, porém, o direito de fazer-lhe as necessarias recommendações.

Estabelecido o noivado e realizado o casamento, o lavrador chamou o filho á parte, para scientificall-o dos seus deveres. E

PREVISÕES



— E se eu tivesse casado contigo, em vez de casar com o Luiz?

— Seria o diacho! Eu estaria no escriptorio e o Luiz, com certeza, estaria aqui...



Sim!... mas não é somente a classe medica quem o diz, eu tambem d'go e por experiencia propria.

O DYNAMOGENOL é indispensavel a todos os individuos cujo trabalho produz a fadiga cerebral — Taes como: litteratos, jornalistas, p.dres, professores, empregados publicos, estudantes e guarda livros.

O DYNAMOGENOL é de resultados surprehenderes nos seguintes casos:

Anemia	Vertigens	Convalescença
Tuberculose	Bronchites Chronicas	Magreza
Chloro anemia	Agnesia	Dores de cabeça
Flores brancas	Pallidez	Falta de appetite
Fadiga cerebral	Insomnia	Fraqueza geral
Hysterismo	Paludismo	Suores nocturnos
Nervoso	Perdas Seminaes	Má digestão, etc.

DYNAMOGENOL

Nestas e outras molestias DYNAMOGENOL é de um effeito seguro e rapido.

As parturientes não devem nunca deixar de tomar o DYNAMOGENOL durante a gestação e após a delivrance pois assim conseguem filhos robustos e ter abundancia de leite rico em phosphatos graças a esta inegualavel preparação — Um só vidro do DYNAMOGENOL representa para a senhora que amamenta mais vantagens que uma duzia de garrafas d'agua ingleza.

Vende-se em todo mundo e na RUA 7 DE SETEMBRO N. 186

O intrransigente

O jovem jornalista, partidario apaixonado de um dos candidatos á presidencia da Republica, passou, de repente, a bater-se por outro, na primeira columna de um grande matutino. Ao notar essa alteração de attitud, o director do jornal chamou á ordem o seu collaborador:

— Doutor Fulano, o senhor não acha escandalosa essa mudança de opinião?

— Mudança de opinião? — estranhou o moço.

— Mas, eu nunca mudei de opinião.

E rindo, cynico:

— A minha opinião foi sempre esta: que eu devia arranjar emprego, fôsse como fôsse!

A polvora branca

As duas elegantissimas senhoras, frequentadoras classicas do Municipal, conversavam, naquella noite, nos corredores do grande theatro, sobre uma das amigas, que faltára ao espectaculo.

— Ella não veio porque, á ultima hora, se «feriu», de modo a não poder vestir-se.

— Feriu-se? Como?

— Com «polvora branca»!

A outra comprehendeu. «Polvora branca» é, na linguagem elegante, nada mais, nada menos, que a burguezissima cocaina...

TALCO BORICINADO SILVA ARAUJO
BABY-FLORA

PARA CRIANÇAS E ADULTOS
CONTRA AS IRRITAÇÕES DO CALOR

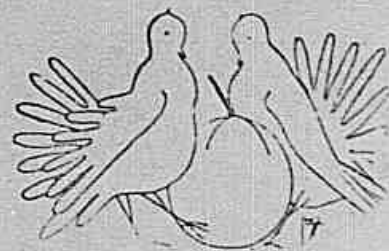
Flagrantes do "foot-ball"



Emquanto um jogador uruguayo, contundido no jogo de 8 do corrente, recebe curativos, um "player" argentino offerece a um photographo brasileiro uma... fructa nacional.



BEIJOS...



O palacete dos Pinto Gomide, em Guarujá, resplendia de luzes, naquella noite. Automoveis que iam e vinham, reduziam a marcha, para que os passageiros observassem melhor o brilho da festa, que lá dentro corria animadíssima.

Pessoas havia, entretanto, nos salões, que não se apercebiam d'aquelle movimento, d'aquelle orgia de luzes, d'aquelle alegria tumultuosa. E entre estas achavam-se aquellas duas senhoras de penteado singello e decote discreto, que conversavam a um canto de sala, fazendo-se confidencias consoladoras.

— Eu, menina — dizia a mais idosa, cuja phisionomia sem rugas era coroada por uma linda cabelleira grisalha; — eu me conidero, no meu lar, uma creatura feliz. Meu marido não é um homem fino, de grande educação, mas é muito meigo, muito carinhoso. Não sae de casa, de manhã, sem me dar um beijo. Quando entra para almoçar, beija-me demoradamente; e beija-me, de novo, quando volta para o escriptorio. E' muito amoroso, mesmo!

— Pois, eu, minha filha, — confessou a outra, uma

graciosa senhora de cabellos negros, olhos ardentes, rosto oval, a Pola Negri; — eu não sou tão feliz. O Arthur não é um bruto, um grosseiro, um indifferente; mas é uma creatura fria, que não sabe fazer um carinho, um agrado, uma caricia. Creio, mesmo, que elle nunca aprendeu a beijar!

A conversa estava mais ou menos por essa altura, quando a primeira das senhoras, suppondo que o ex-deputado Cesar Vergueiro, que se achava proximo, havia prestado attenção ao dialogo, resolveu interpellal-o, familiarmente:

— E que é que o senhor acha, doutor: um bom marido deve beijar a esposa, quando entra e quando sae de casa?

— Quer que lhe falle com franqueza, madame? — consultou o ex-representante paulista, passando a mão pela cabelleira.

E ante uma confirmação:

— O homem deve beijar a mulher apenas quando entra. Quando sae... não tem graça!

Jean



OS CONTOS DOS TENENTES

A parcimónia do Coronel



Nada encantou mais os «centenários» que vieram ao Rio do que as mulheres que os tentavam nos bondes, nos cafés, nos cinemas, nas esquinas. Milhares d'elles ficaram depennados na primeira semana, vendo-se obrigados a tornar à província antes, mesmo, da abertura da Exposição. Em compensação, outros mostraram-se expertíssimos e económicos, destacando-se, entre elles, o coronel Agostinho Nogueira, proprietário de um pequeno engenho em Pernambuco.

Sóto, uma noite, na cidade, o coronel poz-se a andar pela Avenida, indo ter ao ponto dos bondes, á rua Santo Antonio. Adivinhando-lhe a origem e o pensamento, uma francezinha approximou-se, o olhar petulante, o sorriso perverso, o gesto desafiador.

— Meu bemzinho, por quanto você dá um beijinho na gente? — aventurou o velhote, com a cara mais sem-vergonha d'este mundo.

— Cincoenta mil reis, «mon cheri»!

A essas vozes, o coronel metteu o guarda-chuva debaixo do braço, e continuou a andar, tomando pela Treze de Maio. A' esquina da Evaristo da

explicou-lhe.

— Olha, Francisquinho, presta bem atenção ao que eu te vou dizer. Quando os convidados sahirem e te recolheres ao quarto com a Luizinha, aproxima-te d'ella senta-te ao seu lado, e dá-lhe um beijo na bocca.

— Um beijo, papae? — estranhou o pamonha, vermelho de pudor.

— Um beijo, sim, — confirmou o velho.

E continuando:

— Depois, dás outro, outro, mais outro... Mas não te apresses, para não atordoar a menina. Os primeiros devem ser espaçados, de dois em dois minutos; os outros, de minuto em minuto; depois, dois por minuto. E assim por diante.

Francisquinho olhava o lavrador, espantado.

— Então, papae tem que me emprestar seu relógio..

— Não é preciso relógio, não, «seu» tolo! — emendou o velho.

E após um instante de meditação:

— Olha, eu vou dirigir-te, eu mesmo, nesse negocio. Quando os convidados sahirem e tu entrares para a alcova com a Luizinha, eu fico aqui fóra, no corredor, com o tambor do compadre Nicoláu, que está ali guardado. Quando eu der uma

Veiga, soffreu outro assalto. Fez a mesma pergunta.

— Vinte mil reis, «mon p'tit»! — informou a aventureira.

Parcimonioso e ajuizado, o «centenário» nortista não deu resposta. Poz-se a caminho, de novo, guarda-chuva em punho, até que, na praia da Lapa, novamente abordado, ouviu uma terceira resposta.

— Dez mil reis, «p'tit cochon»!

lá o coronel, já, de caminho, reflectindo nessa redução de preços, obtida á proporção que avançava, quando se encontrou com o seu amigo, patricio, e compadre, o capitão Tancredo Bordallo.

— O' compadre, por aqui?

— E' verdade, compadre!

— Aonde vae?

Agostinho meditou rapidamente sobre as economias a fazer, e informou:

— Homem, eu mesmo não sei.

E após um instante, pensando nas reduções já obtidas:

— Mas, pelo que vejo, compadre, eu vou a Copacabana!

Tenente Martins

pancada, tu dás um beijo na menina. Guia-te pelas pancadas, que irá tudo muito bem.

A's onze da noite, com a casa silenciosa e os noivos no quarto, o sr. Victorino sentou-se em uma cadeira, pendurou o tambor ao pescoço, empunhou os cambitos, e fez fogo:

— Plan!

Cinco minutos depois, repetiu:

— Plan!

Após dois minutos:

— Plan!

E já estava com duas pancadas por minuto, quando o Francisquinho gritou do quarto:

— Papae!

E numa supplica:

— Rufa o tambôr... Sim?

X. X.



FIGURAS NACIONAES



OCTAVIO MANGABEIRA

Octavio Mangabeira



As pessoas que atravessassem, ha trinta annos, a praça da Matriz, na cidade bahiana de Alagoinhas, teriam a attenção voltada para uma casa de duas portas, e em cuja calçada se sentavam, em bancos e cadeiras antigas, varias pessoas respeitaveis. Era a pharmacia Manga-

beira, diante da qual jogavam a bisca, molhando o dedo na lingua para melhor manejo das cartas, o dono do estabelecimento e diversas personagens da sociedade local. Em frente á casa, no grammado verde, brincavam meninos, entre os quaes os quatro filhos do boticario: o João, o Octavio, o Carlos e o Francisco.

— João — gritava o velho Mangabeira, dando as cartas, — vae vender um tostão de alfazema á comadre Quiteria.

— Ou, para o outro:

— Octavio, já botaste kerozene no lampeão?

Annos depois, liquidada a botica, mudou-se o velho Mangabeira, com o baralho e os filhos, para São Salvador. Concluidos os preparatorios, os meninos escolheram, espontaneamente, a profissão: o Octavio matriculou-se na Polytechnica, fazendo-se engenheiro; o João bacharelou-se, ganhando, depois, o sertão; o Francisco fez-se poeta; e o Carlos ficou em companhia do pae, tomando conta da familia. Unidos todos, o velho não se cançava de dizer, dando graças a Deus:

— Minha familia é toda de um naipe. Filho meu que não seja amigo dos irmãos, é carta fóra do baralho!

Da prole do velho Mangabeira, o filho em que elle depositava maior confiança era, entretanto, o Octavio.

— E' o genio da familia! — assegurava, commovido.

E contava:

— O Octavio é tão intelligente, que, quando sae com o João, dá a este o guarda-chuva e empunha a bengala. Se faz bom tempo, andam pela cidade toda, cada um com o que é seu; se, porém, cae uma tempestade, o que tem o guarda-chuva corre, logo, para cobrir o outro!

Encantado com esse espirito de fraternidade dos seus dois rebentos, o antigo boticario de Alagoinhas chamou-os, um dia, á parte, e aconselhou:

— Olhem, meus filhos: sejam sempre assim, pela vida. Vocês têm geito para a politica; se entrarem nella, continuem com o processo da bengala e do guarda-chuva: quando um estiver com a opposição, o outro deve estar com o governo; por que, quando a opposição subir, é preciso que o que se achava de baixo garanta o que estava de cima!

E recommendava, prudente:

— Não deixem, porém, que ninguém descubra o «jogo» de vocês. As combinações entre os dois, devem ser feitas pessoalmente. Nada de «cartas»!

Nomeado aos vinte e tres annos para a Polytechnica da Bahia, começou Octavio a pensar, logo,

na politica. As suas aulas, em que a engenharia só entrava casualmente, eram verdadeiras conferencias sobre o respeito ao governo, aos homens publicos, ás autoridades constituídas. A figura de J. J. Seabra crescia na sua imaginação como a de um semideus. O chefe bahiano era, aos seus olhos, o maior vulto nacional. Enquanto isso, no interior, o verbo inflammado, a palavra facil, João combatia nas praças publicas das pequenas cidades o nome de J. J. Seabra, fazendo, por toda a parte, a apologia de Ruy Barbosa...

— Isso é que é independencia de caracter! — diziam os seabristas. — Apesar de ter o irmão do outro lado, o Octavio não abandona o seu chefe!

— A melhor prova da sinceridade do João, — affirmavam os amigos do velho Ruy, — é que elle, não obstante a posição do Octavio nas fileiras adversarias, não cessa de combater o Seabra!

Passava, porém, a tormenta. E quando tudo se apaziguava, era de vêr a dedicação do irmão que estava de cima, no esforço de salvar o que ficava de baixo!

Oradores fluentes, brilhantes, de dicção correcta e facil, constituem o signo dos Gêmeos, no Zodiaco brasileiro. Trabalhadores, habéis, intelligentissimos, nenhum dos irmãos sente dificuldade em salvar o outro, pelo elemento excelente, e, mesmo, precioso, que cada um d'elles constitue, no seio de qualquer partido.

— O Octavio — dizia mestre Seabra, recentemente, na sua ultima viagem ao Rio, — é a bolha de ar do prumo da politica: vae sempre para a parte de cima!

Esse juizo era, entretanto, injusto. Quando se deu, ha um anno, o rompimento da politica nacional, João e Octavio alistaram-se, juntos, nas hostes da Reacção Republicana. O primeiro ficou no Rio, embarcando o segundo para a Bahia, onde ia ser lançada a chapa Nilo-Seabra. Enthusiasmado como nunca, Octavio Mangabeira assumiu um papel salientissimo no desenrolar dos acontecimentos. Designado para lançar a candidatura dos dois chefes dissidentes, subiu ao palco do Polytheama Bahiano, cuja platêa se achava repleta, congestionada de povo. E bradou, as mãos no ar, os olhos cheios d'agua:

— Bahianos! Seabra, ou Revolução!

— Seabra ou Revolução! — trovejou a multidão.

Mezes depois, no Rio, a Reacção Republicana, sob o commando de Seabra, resolveu não comparecer á Camara, num protesto contra a victoria do adversario. Um deputado compaeceu: Octavio Mangabeira! Expedidas ordens, pelos chefes da Reacção, para que todos os deputados renunciassem os seus logares nas commissões, um só não renunciou: Octavio Mangabeira!

— Octavio, para que você fez isso? — indagou um amigo.

— Eu, filho? Para salvar o João... — respondeu.

Era a dedicação fraternal, levada ao extremo...



Rodin.

Campeonato Sul-Americano de Foot-Ball



Paraguayos x Chilenos



Em cima, os «teams» disputantes. À esquerda e à direita, dois aspectos do «match», realizado em 5 do corrente.



A DESCONFIADA

— E' impossível, Julio! E' impossível que o Gustavo não tenha por ahí alguma cousa que o prenda, alguma creatura que o preocupe! Elle não era assim commigo. De uns dias a esta parte, eu o sinto tão mudado, tão differente, que só posso attribuir ao apparecimento, por ahí, de alguma intrusa, que me queira roubar o marido!

Era assim que mme. Prado Gama se queixava ao irmão, o official de Marinha Barbosa Borges, que, entretanto, a tranquillizava:

— E' impressão tua, Didi. O Gustavo continua a adorar-te, a querer-te, a amar-te mais do que nunca. E nem podia ser de outra maneira. Tu és moça, bonita, mais nova do que elle quasi vinte annos. O Gustavo é um homem gasto, um velho de cincoenta annos. Elle não te enganará nunca, fica certa!

— Mas, eu desconfio, Julio! — tornou a moça. — E queria que tu me ajudasses. Queria que tu o fiscalizasses, procurando saber onde é que anda o Gustavo, que ninguém o encontra mais no escriptorio!

Dois dias depois, o commandante Barbosa Borges entrava pela casa da irmã, chamando-a á parte.

— Sabes de uma cousa? tu tens, mais ou menos, razão.

— Meu marido engana-me? — exclamou a moça, arregalando os olhos, espantada.

— Si te engana, não sei; o que sei é que eu tambem desconfio que és enganada por elle. E vou dizer-te o motivo.

Accendeu um cigarro, e contou:

— Hontem, depois do meio-dia, eu estava em uma casa fronteira ao escriptorio do

Gustavo, quando o vi sahir apressadamente, olhando para um lado o para outro. No canto pulou para um automovel, o qual parou á esquina da rua Dona Marianna, onde esperou por outro, que descia para a cidade. Disposto a apurar tudo, mandei que o meu auto seguisse de longe o carro do teu marido, que acompanhava o outro. E assim, fomos até o largo de S. Francisco, onde o carro d'elle parou, sem que elle saltasse; depois, até á Avenida, onde parou defronte do Barateiro; ao fim de quinze minutos, desatracamos d'ahi, indo parar em frente a uma chapeleira, á rua Uruguayana. Ficamos de alcatéa atraz do Palais, cerca de uma hora; depois, subimos para Botafogo, onde nos separámos, de novo, em frente á rua Dona Marianna. Pelo que pude observar, o Gustavo seguia uma senhora que ia num «landaulet» de garage, n. 6327, sem querer, entretanto, que a dama se apercebesse d'elle.

— Isso é certo, Julio? — foi o grito da moça, erguendo-se, de repente, muito pallida, muito branca, os olhos muito arregalados.

E desatando em choro:

— A dama que ia no «landaulet»... era eu!

— Tu? Eras tu? — exclamou o irmão, sentindo-se feliz por ver a irmã tão amada pelo marido.

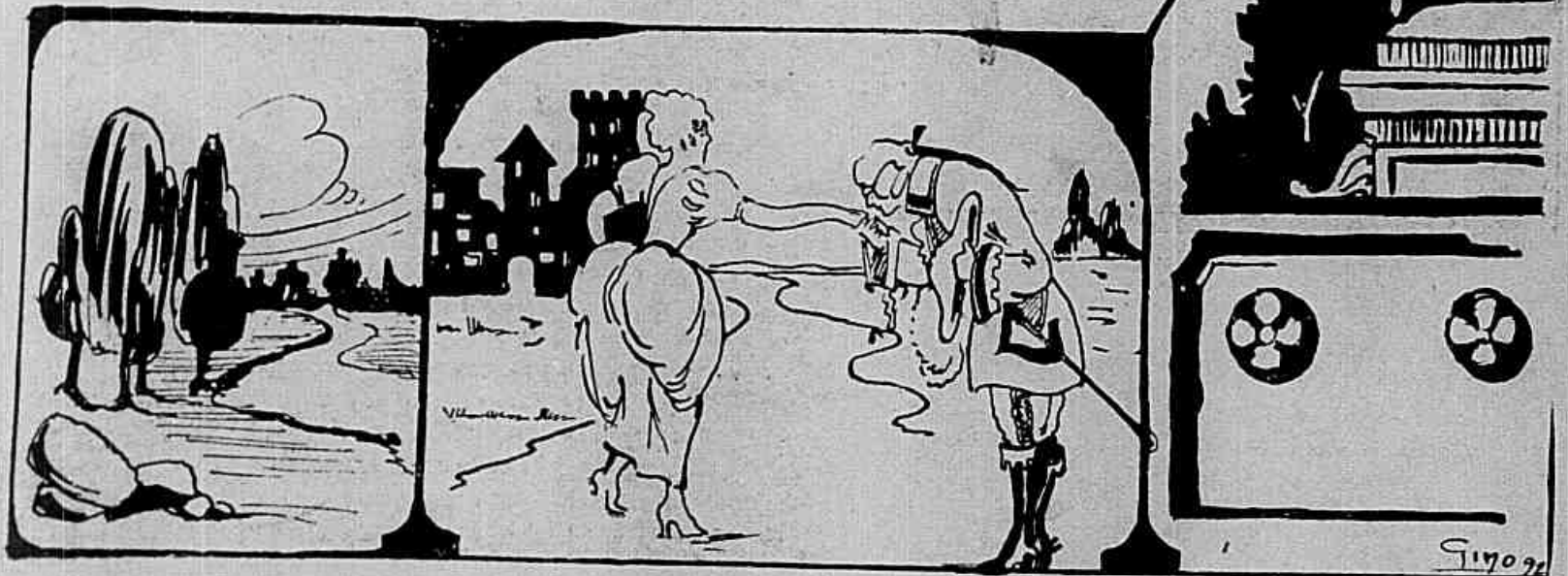
E a desgraçada, a cabeça nas mãos:

— Ai, Julio! que desgraçada que eu sou! Meu marido vem me seguindo! E se elle fez isso hoje de manhã, estou perdida!

E cahindo nos braços do irmão, que a olhava horrorizado:

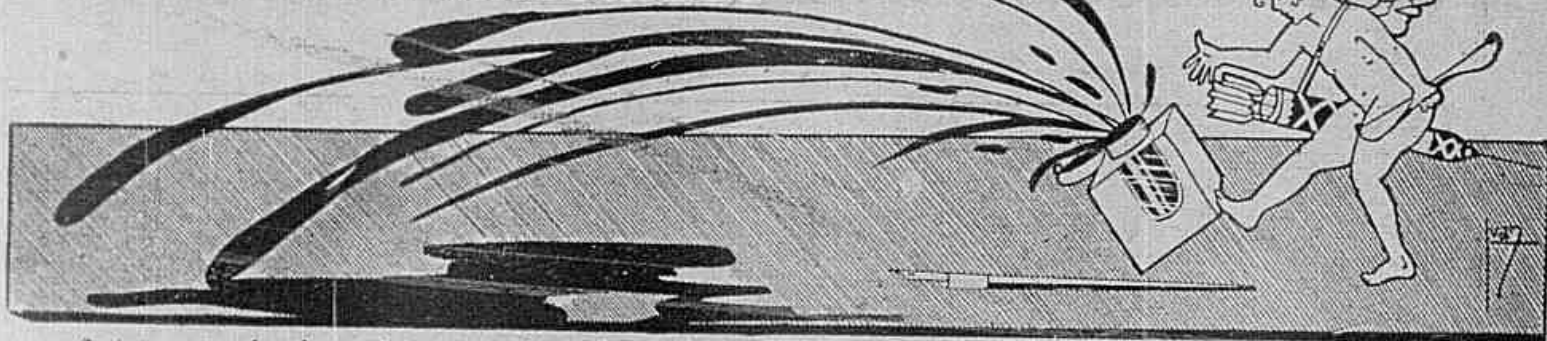
— Eu estive... hoje... de manhã... na «garçonnière»... do Fernando!...

Tom Mix



HUMORISTAS ESTRANGEIROS

O noivo mal informado



— Seria o cumulo do cynismo, se ella enfeitasse seu vestido de noiva com flores de laranjeira!...

Era essa a exclamação sussurrante, mas unanime, que soltavam as amigas de Celeste Duplantoir, ao terem noticia do seu casamento proximo com Gustavo Remoussin.

E scandalisadas:

— Seria o cumulo!...

Natureza generosa e condescendente, que a vista do dinheiro tornava ainda mais franca, Celeste trazia o coração na mão, e a mão sempre aberta. Quanto a seu pé, de talho delicadissimo, esse se desgarrava de vez em quando por baixo da mesa, para entrar em contacto caricioso com as botinas dos rapazes, convidados da familia.

Tentados assim, os convivas das festas em que ella ia obtiveram da menina, sempre, tudo que desejavam. Fazendo nascer a occasião, ella se multiplicava para agradar a todos em geral, e a cada um em particular. E foi quando, ignorando tudo isso, e principalmente os detalhes, appareceu Remoussin, offerecendo-lhe, ingenuo, o seu nome e a sua mão.

A solemnidade do casamento nada teve de singular. Passavam, porém, quarenta e cinco minutos da meia noite, quando a porta do quarto nupcial se abriu com estrondo, apparecendo nella, desganhado, furioso, o vulto do Gustavo.

— Desafôro! — exclamava elle, vestindo o paletot. — Desafôro! Darem-me para esposa uma creatura que vae ser mãe dentro de trez mezes!

E num gesto de ameaça:

— Desafôro!...

Olhos supplices, a voz doce, quasi infantil, Celeste procurava acalmalo:

— Não faças isso, Gustavo! Que horror!... Então, tu ignoravas?... Eras tu, então, a unica pessoa que não sabia...

Phisionomia alterada, Remoussin não ouvia nada. Calçou apressadamente os sapatos, amarrou a gravata com dois safanões, atirou para as costas o sobretudo, e, descendo os degraus fragorosamente, foi passar o resto da noite na casa da sua mãe, a quem contou a verdade terrivel. Dias depois, pediu o divorcio, que foi immediatamente conseguido.

Quem, porém, não se conformou com a solução foi a Celeste.

— Desafôro soffri eu! — dizia a rapariga, indignada, quando alguém lhe falava de Remoussin. — Então, um homem passa duas horas ao lado de uma mulher moça como eu, ouve palavras de amor, e vae se embora... como veio?

A ENCADERNAÇÃO



E revoltada com o ultraje:

— Palavra d'honra! Foi a primeira vez que me aconteceu isso!...

Hughes Delorme

Punição

O elevador da Colombo subia e descia, levando gente para o chá e trazendo gente satisfeita, quando pararam á entrada, esperando condução, duas senhoras encantadoras e, a pequena distancia, um rapaz alto, esguio, terno cinzento, chapéo de palha, bengala de castão de ouro. Enquanto o ascensor não vinha, uma das senhoras abriu a bolsa, tirou a caixinha de pó de arroz, mirou-se na lamina da parede, emindagando da companheira:

— Estou bem?

— Muito bem... E eu?

— Linda, como sempre...

E bateu-lhe garotamente no rosto gorducho, a que o carmin e o pó emprestavam, de longe, uma tonalidade de rosa.

Nesse momento, parou o elevador. As senhoras entraram, conversando. O rapaz entrou, indifferente, o chapéo na cabeça. Estranhando aquella desconsideração, uma das senhoras não se conteve, e observou, á outra:

— Como os tempos mudam! — Antigamente, não havia um cavalheiro que, ao encontrar-se num recinto em que houvesse senhoras, não se descobrisse!...

O rapaz comprehendeu, logo, que era com elle. Pigarreou forte, concertou o collarinho, e voltando-se de repente, para as duas, revidou:

— Antigamente, e hoje, minhas senhoras.

E de olhos fitos nos decotes das duas:

— Mas os homens só têm o dever de se descobrir diante de senhoras que não andem tão «descobertas»!

As duas desceram, na mesma viagem.

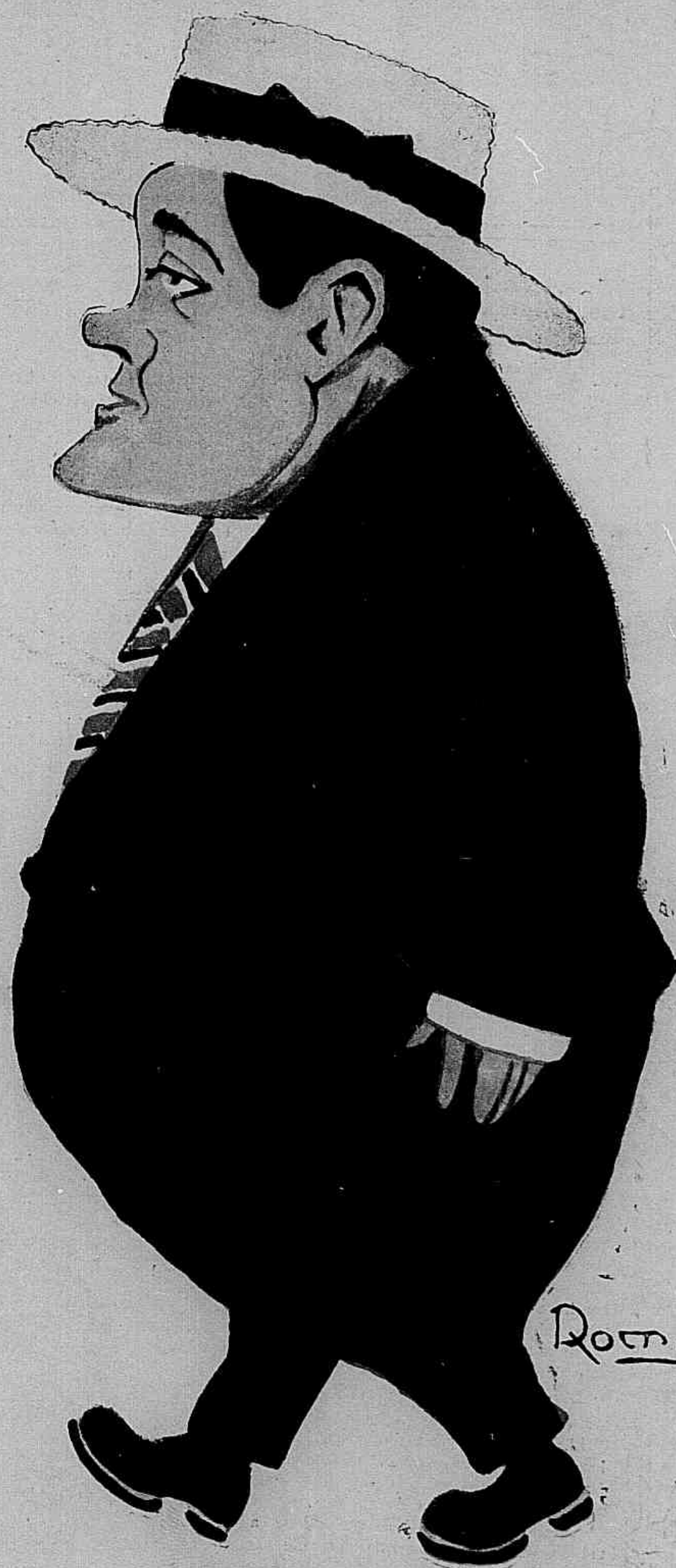
— As mulheres, minha filha, são como os livros.

— ?...

— Têm valor conforme a «capa».



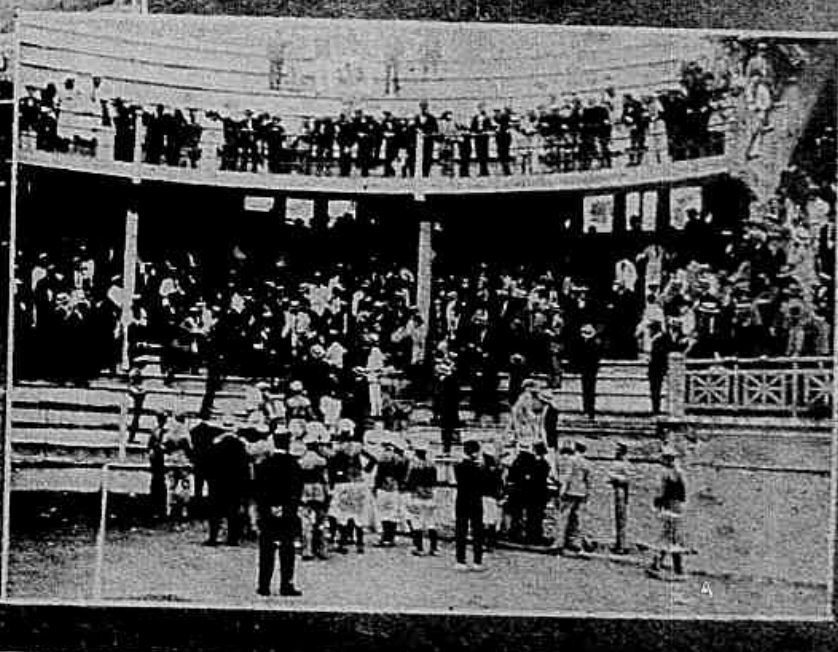
OS "PAPÕES" DO FOOT-BALL



FERREIRA VIANNA

Campeonato Sul-Americano de Foot-Ball

Uruguayos x Argentinos



■ Nas gravuras acima vêm-se: 1 — O team uruguayo, vencedor (1 x 0); 2 — Uma phase interessante do encontro; 3 — O team argentino; 4 — Aspecto de uma parte da assistencia; 5 — O player uruguayo Aguirre, com uma perna fracturada por um ponta-pé de Tolari, argentino, carregado por amigos e companheiros; 6 — Um conflicto nas galerias entre partidarios de uruguayos e argentinos, quando os jogadores portenhos agrediam os adversarios.



O humorismo nos Estados

S. Paulo

As verdadeiras façanhas do Desembrino

Esta verídica historia, cheia de lances eschylianos, não encontrou ainda um Vergilio, um Tasso ou um Cervantes que a puzesse em prosa ou verso. Merece, porém, que um Michelet moderno a historie ou que um Camões a eternize em poema.

A sua moral é alta e hodierna; a sua dramaticidade, forte, faria a ventura das nossas platéas, viciadas com as obras-primas das «revistas» e quejandos monumentos dos palcos nacionaes.

Comecemos pelo Desembrino. Segundo os classicos methodos romanticos, antes de entrar na urdidura do drama, pintemos a personagem.

Desembrino daria a Plauto uma comedia de arromba. E' magro e timido; cacareja, não fala; ruboriza-se á tóa e tem medo de ratos. Acredita ainda que, batendo-se com uma colher de pau na cabeça de um gago, este recupera a elasticidade da fala. Crê nas abusões, em Géca Tatú e nas campanhas nacionalistas. Tem quarenta annos e ainda sofre pavores de Oreste ao ouvir falar em sorteio militar ou em intervenção na Bahia. E', afinal, um typo vulgaríssimo e commum da fauna humana que pastoreia por estes interminos Brasis...

Não tenho geito para pintar personagens. Sei que o publico, principalmente as senhoras romanticas, não gostam do Desembrino: prefeririam que tivesse guedelhas, olheiras e fumasse opio. O infeliz, que vive em Jacarehy, fumava cigarrões de palha, que erguiam fumaças de incendio... Elle era assim... Fica assim! Posso mudar-lhe o nome si quizerem; a natureza, não.

Desembrino temia a mulher. Socrates tambem temia. Xantippa, a esposa do sabio, e Catharina, a do Desembrino, eram pedaços da mesma costella. E dahi os tormentos que o pobre soffria: eram ralhos que o lapidavam como pedradas; insultos que o zebavam como litegos. Si chegava tarde — aquella tentação do joguinho no Club! — o tecto cahia: Catharina, como aquella russa de Dostoiewsky, a mulher de Smerdiakoff — enchia-o de improperios:

— Por que é que me tirou da casa dos meus paes?

Elle bem sabia que a tirára porque estava louco no dia do casamento... Louco de amor... Mas, perante a psiquiatria legal, é sempre uma fórma da privação de sentidos...

Assim arrastava a vida, queixando-se a todo o mundo, choramingando sua sorte aos

amigos, parvo e fraco, incapaz de uma reacção. Deus, que o espiava do alto, sentia na sua immensa justiça que tinha em breve que abrir mais um titulo no diario dos Santos; em pouco tempo elle alcançaria a sua canonização!

— Mas — e ahí está como o «Flos Sanctorum» ficou com menos um panegyrico — um dia, a conselho de amigos, Desembrino resolveu reagir. Ensinaram-no:

— Si tua mulher berrar, berra mais alto.

— Mas...

— Berra mais alto. Quem canta em casa não é a gallinha: é o gallo! E você é o gallo, Desembrino...

Si bem lhe disseram, melhor o fez. Os extremos se tocam: ha covardias capazes de heroismos. E foi assim:

Desembrino ficára no truque até ás dez e meia da noite. Elle bem sabia que a hora regulamentar era ás dez. Sahiu com a serenidade das resoluções definitivas: «Hoje é o dia!» pensou.

E foi andando. Ao chegar em casa, viu luz na janela do quarto. «Está-me esperando! Vai começar a tragedia». Entrou. Uma voz veio lá de dentro:

— Então! Estas são horas, «seu»...

Mas não pôde terminar. Desembrino atirou a porta com estrondo: «Bumba!» A voz, mais fraca, recommçou:

— Então, «seu» cousa, isto são horas...

Elle bateu com os pés no assoalho, num passo de carrasco, firme, cruel. A voz, mais tremula, mais timida, tentou ainda:

— Afinal, faça o favor de vêr que horas são... E são estas as horas...

Não terminou, porém. O gato de estimação do Desembrino approximara-se, raspando o dorso nas suas pernas, a miar: «miáu... miáu...» Desembrino, disposto aos supremos lances, tomou-o pela cauda, erguendo-o no ar, vasculejou-o como quem gira uma funda e projectou-o no quarto, num berro, atirando-o contra o espelho, rum ruido infernal:

— Arre! Também é demais!

Catharina encolheu-se, pallida. E foi assim que o Desembrino triumphou!

Elle, ainda hoje, celebra com festas esse dia. Afinal, tanto esse «Arre!» como o «Independencia ou Morte!» de d. Pedro I, não tem o mesmo valor?

Menotti Del Picchia

POR TRAZ DOS PANNOS

ANTONIO RAMOS



Certa noite, sabia Lucilia Peres de Phenix, quando se aproximou della um rapaz forte, musculoso, carão enorme, typo de athleta ou de operario braçal

— Eu dezejava trabalhar, minha senhora; queria um logar no theatro

— O senhor é carpinteiro?

— Não, senhora; sou actor.

Lucilia riu da pretensão do rapaz mandando que elle voltasse no dia seguinte. E duas noites depois apparecia no palco, medindo-o a grandes passadas e falando com uma rapidez de metralhadora, aquelle que seria, mais tarde, Antonio Ramos, o refor-

çado galã da Comedia Brasileira.

Perspicaz e conhecedora da arte, Lucilia resolveu chamar á ordem o novo artista da Companhia.

— Você — disse-lhe, — tem uma memoria prodigiosa. E' preciso, porém, ter mais consideração pelo publico. Os espectadores não percebem nada do que você diz.

Ramos indignou-se:

— Eu? Mas que tenho eu com as predilecções do publico? Ao entrar em scena, eu só penso no meu papel; o publico desaparece!

Lucilia esfriou:

— Como? Isso, porém, é que nós não queremos. Se o publico desaparecer, temos que fechar o theatro!

Lançado, assim, na correnteza da arte brasileira, Antonio Ramos fez-se, em breve, um dos nossos artistas mais estimados. Estudioso, tornou-se querido dos autores, que começaram a disputar-o, para as peças de estrêa.

— O Ramos — dizia Claudio de Souza, — é o artista que melhor «defende» o seu papel.

E, num mixto de perversidade e de lizonja:

— «Defende» tão bem que ninguém sabe o que é!

Montada a Comedia Brasileira, foi Antonio Ramos, incluído entre as figuras principais.

— O Ramos — justificava Eduardo Victorino, — é indispensavel na Comedia.

E confessava:

— E' o unico que pôde supportar um murro do Charles Florence.

E contractou-o como galan.

Quem faz o galã de theatro é, entretanto, como se sabe, o alfaiate. Antonio Ramos chegou a essa convicção,

e, ao entrar para o «Trianon», tratou, logo, de mandar fazer roupas. Comprou camisas no Brandão, meias na «Capital», gravatas no Moitinho, encommendando jaquetões sob medida no Almeida Rabello. Os seus ternos eram provados seis, oito, dez veezs. Na noite do espectáculo, apparecia o artista na caixa do theatro, encadernado de novo. E a primeira pergunta dos companheiros era, logo, esta:

— O' Ramos, de quem é essa roupa?

Ou, então:

— O defunto era mais gordo; não?

A plastica de Antonio Ramos é, realmente, a sua tor-

tura. Roupa que elle vista, por mais bem cortada e acabada, parece, sempre, compra da feita, ou talhada para outra pessoa.

— Não é um homem; é um pilão! — dizem os alfaiates.

Estudioso e devotado á arte, o actual galan do S. Pedro tem feito o que lhe é possível para enquadrar-se no seu papel. Calça-se com botinas de

oitenta mil reis, frequenta a «manucure», e enfia, de vez em quando, uma camisa de sêda. Ao chegar, porém, no palco, os espectadores perguntam, logo:

— E' o porteiro da casa; não é?

De certo tempo a esta parte, desolado com o seu phisico, Antonio Ramos procurou um massagista. Queria afinar, emagrecer, adquirir uma certa elegancia de porte, compativel com as suas funções theatraes. Ao fim de dois mezes, o massagista chamou-o á parte:

— O senhor tenha paciencia, mas eu não posso mais continuar.

Antonio Ramos encarou-o, espantado.

— Por que? — indagou

E o profissional:

— Porque o senhor é de ferro, de bronze, de pau. Quem está emmagrecendo sou eu!

Outro defeito do querido artista luso-brasileiro é a rapidez com que fala no palco. Não é uma lingua; é uma carretilha. Não é um homem; é um automovel em disparada. Senhor de uma memoria prodigiosa, corre na frente do «ponto» com uma rapidez allucinante. Certa vez, o rapaz que lhe soprava as palavras de um soliloquio estava de cabeça baixa cumprindo o seu dever, quando, no meio da pagina, olhou para o palco: Antonio Ramos já havia acabado, e até sahido da scena!

— O Ramos devia ter sido mulher na outra encarnação. — dizia, uma vez, a Iracema de Alencar.

E com a consciencia do seu defeito:

— Para falar assim... só eu!

E, realmente, nessa materia, os dois se pegam.

— Se todos os meus artistas fossem como o Ramos e a Iracema — affirmava, ha dias, Eduardo Victorino, — o São Pedro poderia dar peças de trez actos em quarenta minutos. Os espectadores não entenderiam nada, mas teriam a vantagem de estar em casa ás nove e meia!

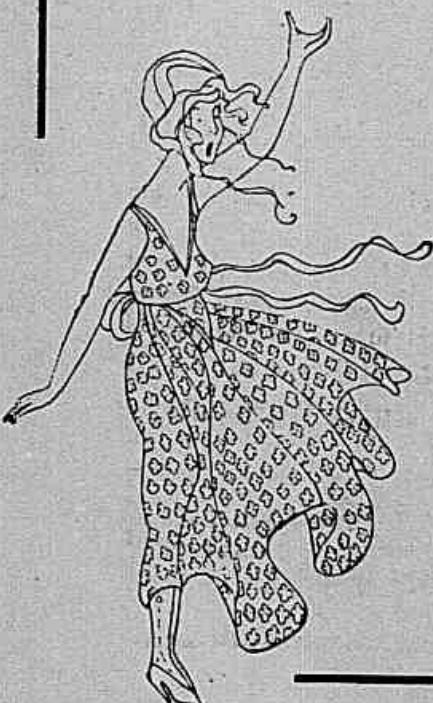
Conta Ferreira de Souza que Antonio Ramos chegou, uma vez, á thesouraria do Banco Ultramarino, para receber uma pequena quantia, vinda de Portugal.

— O senhor é o proprio? — indagou o pagador.

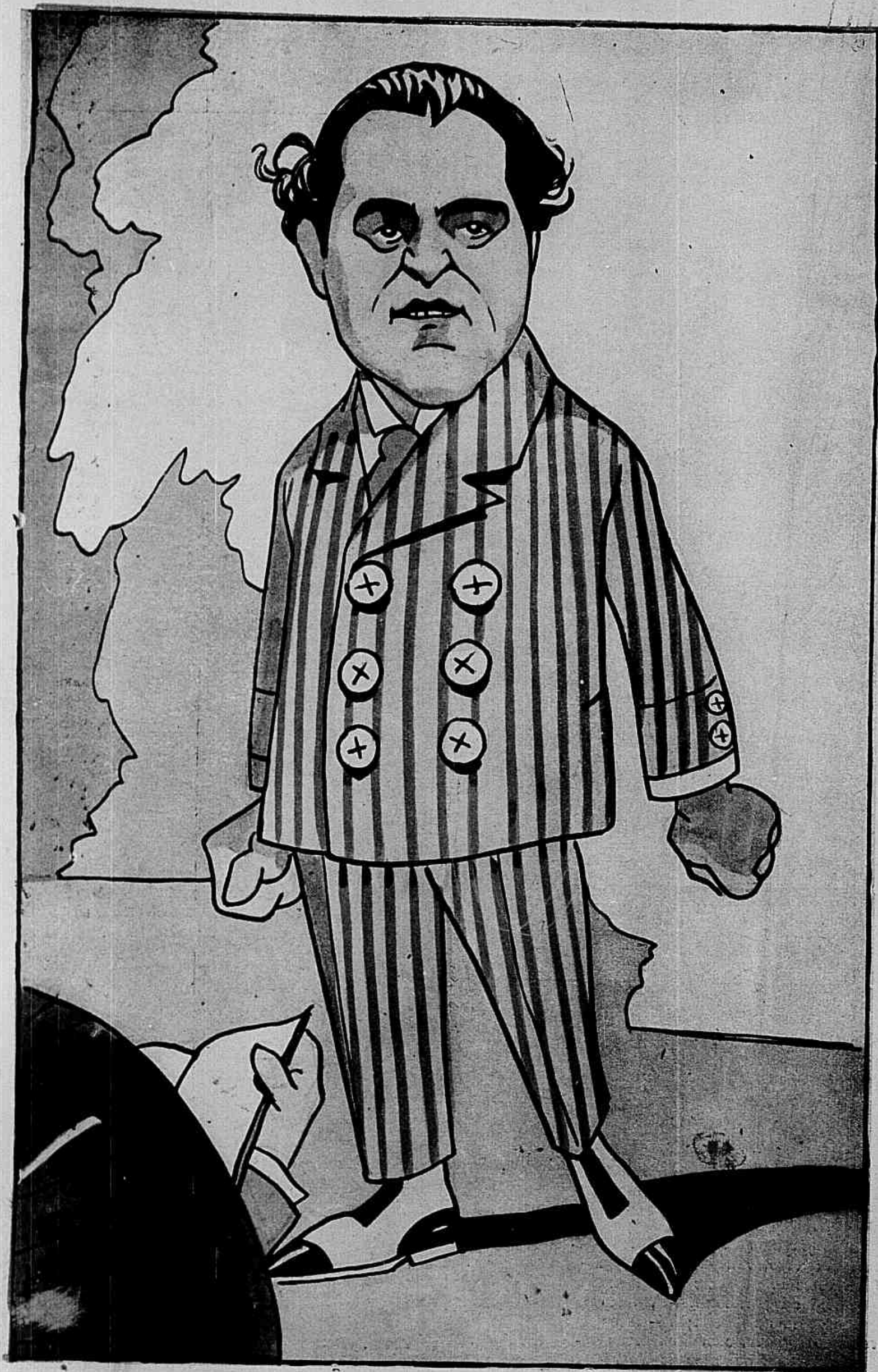
— Sim, senhor.

— Mas é preciso provar, ou com uma pessoa conhecida, ou com a carteira de identificação.

— Não é necessario nada d'isso, — observou o artista; — eu



POR TRAZ DOS PANNOS



ANTONIO RAMOS

THEATRO BOCCACIO

IR A ROMA . . .

Comedia em 2 actos, de Jan Richora

Personagens:

Margot — 28 annos, cantora lyrica. Carlos — 30 annos, baritono, companheiro de Margot. Dr. Moysés — Homem de letras — 38 annos. Luiza — uma creada.

ACTO 1.^o

(Em casa de Margot — Saleta — moveis simples. Mala aberta deixando ver uma confusão de vestidos, «dessous», leques etc. Vespera de viagem).

SCENA 1.^a

Margot e Luiza

(Margot, de peignoir, ajoelhada junto á mala, está dobrando um «manteau», quando entra Luiza)

LUIZA — Está ahí aquelle Snr. que outro dia veio visitá-la quando a Snra. estava doente...

MARGOT — O Dr. Moysés?...

LUIZA — E' isso mesmo... Dr. Moysés...

MARGOT — Faça entrar para aqui mesmo... (levantando-se) Espere um pouco... Deixe-me por uma touca... Hoje nem tive tempo para pentear-me...

(pequena pausa, enquanto Margot collôca uma touca e se endireita defronte de um espelho)

LUIZA — Posso ir...

MARGOT — Vá... depressa... (outro pausa)

SCENA 2.^a

MARGOT — (para Moysés que entra discretamente) Que surpresa!... Não contava vel-o aqui...

MOYSES — Sempre desastrado... Não é? (beijando-lhe a mão). Vá desculpar-me.. Realmente é uma hora muito impropria...

MARGOT — (indicando um divan) Sente-se... Faça-me o favor... Sim... eu disse uma surpresa por que sei que hoje deve estar muito occupado. Tem uma sessão solemne na Academia... deve fazer a sua conferencia sobre a «influencia das mulheres no trabalho mental dos homens de letras»... (sentando ao lado d'elle) Já li tudo isso nos jornaes...

MOYSES — Sabe que é muito gentil lembrar-se da minha conferencia na Academia, quando deve estar fechando as malas, para viajar? A idéa de uma viagem é sempre absorvente.

MARGOT — Não para mim... O Rio sempre é o Rio... Demais, tenho aqui tantos camaradas, tantos amigos...

MOYSES — Feliz quem tem amigos...

MARGOT — Como o Snr... Tem sido tão bondoso para commigo.

MOYSES — Não sei porque lhe cause esse medo...

MARGOT — Medo?!

MOYSES — E' tão cerimoniosa commigo... Se me tem em conta de amigo porque esse tratamento — o senhor... — o doutor... QigDa logo — você... Ficaremos mais á vontade e nos sentiremos melhor.

MARGOT — Pois seja... Você... não se sente emocionado com a sua conferencia, hoje, na Academia?

MOYSES — Estou mais emocionado com a sua partida... Quasi não me conformo... Que idéa essa de acceitar um contracto para tão longe?...

MARGOT — Tão longe?... Daqui ao Rio Grande são poucos dias de viagem... Além disso a demora será pequena... Dez audições apenas... Terei de começar num concerto...

MOYSES — Antes... terá de começar por um des-

concerto (ri)

MARGOT — (rindo, sem comprehender) Como?

MOYSES — Desconcertando a minha vida...

MARGOT — E' possível?!

MOYSES — Estou capaz de estragar a minha conferencia logo á noite...

MARGOT — Que exagero!

MOYSES — Não acredita na minha perturbação com a sua partida? Eu mesmo não imaginava que isso me perturbasse tanto.

MARGOT — Diz assim para lisongear-me...

MOYSES — Digo para desabafar... E' um segredo que me pesa muito guardar...

MARGOT — Não imaginava...

MOYSES — Vejo que me apaixonei de verdade... E' a primeira vez que isso acontece... Sinto tanta coisa...

MARGOT — Sente então...

MOYSES — Tenho impetos de commetter uma inconveniencia...

MARGOT — Inconveniencia... em que?

MOYSES — Em 1830 um galan cahiria a seus pés, emocionado, e lhe beijaria a mão...

MARGOT — Hoje seria «de modé»... Não se usa mais.

MOYSES — Está ahí por que tenho pensado em sair... em ir embora... Sim... hoje a paixão não se deixa arrastar... ao contrario (puxando Margot pela mão) (ella arrasta...

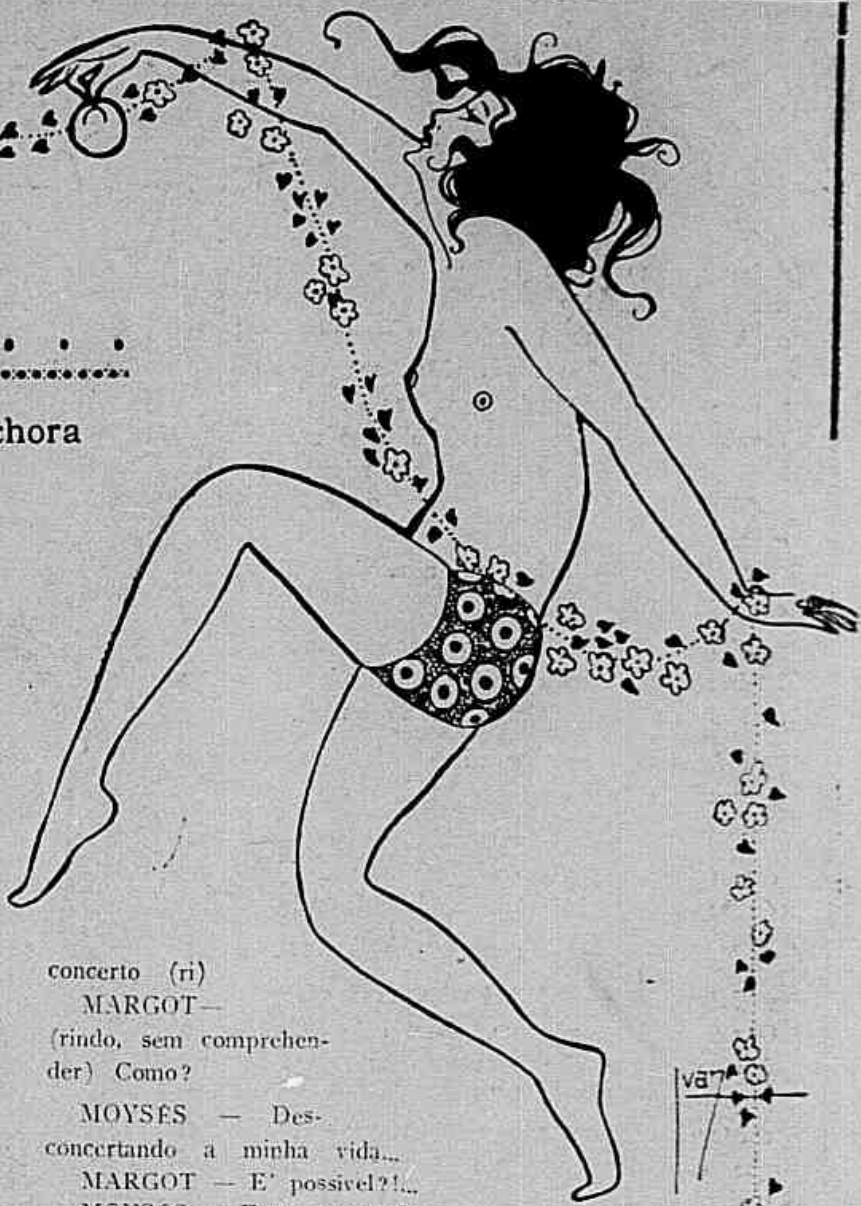
MARGOT — Cuidado!... A creada anda por perto... Não faça alguma inconveniencia...

MOYSES — Não... Margot!... Não posso concordar com essa viagem... Terei de soffrer muito... Não imaginei que soffresse tanto...

MARGOT — E nunca me disse nada... Por que?!

MOYSES — Para não perturbar a sua tranquillidade... o seu viver... Afinal... sabe... eu estimo o Carlos... Ella é bom... gosta de você... Repugnava-me... Demais eu não sabia de que maneira você receberia a minha confissão...

MARGOT — (pegando-lhe na mão) Meu bom



O PAE DA CREANÇA

Ninguém podia falar em marido honesto, fiel à consorte, incapaz de prevaricar, que D. Bembem não trouxesse o esposo como exemplo.

O Pereirinha, o seu querido Pereirinha, era um verdadeiro modelo de virtudes, digno até de figurar na Exposição como a personificação da ingenuidade marital.

Nunca chegara em casa depois das nove horas da noite e jamais delle se ouvira dizer a menor coisa em relação a mulheres.

— Duvido que haja um esposo igual ao meu Pereirinha! — dizia ella, toda ufana, de quando em vez.

A velha D. Custodia, porém, é que não ia nisso. Quando via a filha se externar de tal maneira sobre o genro, observava, invariavelmente:

— Deixa de asneira, Bembem; homem é sempre homem! Lá um dia fala o instinto e... adeus, honestidade! Lembra-te de que não faltam por ahí bonitas mulheres!

— Qual nada, mamãe! Juro que com o Pereirinha não ha mulher bonita que se aprime!

— Também eu affirmava o mesmo, falando do meu fallecido. Todavia, uma vez... nem é bom recordar!

— E' que talvez a mamãe não tenha sabido prender o papae, como devia!

— Não tenha sabido?! Esta agora!

Aposto, eu como poucas viuvas no Rio de Janeiro foram mais amorosas para com os seus defuntos!

Mas teu pae era homem, minha filha, e todo homem, mais cedo ou mais tarde, ha de se mostrar o que é!

— Pois eu cá tenho fé em Deus que o meu maridinho não me trahirá nunca!

— Oxalá, Bembem, oxalá! Mas fica certa de que será um caso unico!

Vivia o ditoso casal na maior harmonia possível, entrecortada apenas pelas desconfianças da velha, quando, certa manhã, na hora em que todos tomavam café, a cozeira entregou a D. Bembem qualquer coisa envolta em pannos.

Despertados todos pela curiosidade, acercaram-se do tal embrulho, para examinal-o.

— Um menino! — exclamaram, ao verificar do que se tratava.

— Fui eu que encontrei no batente da entrada, hoje, de menhãzinha, — explicou a cozeira.

— Como é lindo! — admirou D. Bembem.

— Quem será a mãe desta criança? — arriscou o marido.

— E o pae? — interveio D. Custodia — Quem será o pae? Algum canalha, um biltre qualquer, que

naturalmente cortou a felicidade de alguma mocinha honesta e pobre, obrigando-a a engeitar o fructo de sua desgraça, para occultar a propria deshonra!

— Decerto! — apoiou Pereirinha. — E' um bandido quem quer que seja o pae!

— Um covarde!

E a sogra poz-se a examinar o petiz, admirando-lhe a gordura, a maciez da pelle morena, e a cabelleira negra, já relativamente abundante.

Entretanto, a creada que se havia recolhido á cosinha, dali voltou para entregar á patrão um papel escripto a lapis:

— Tava pregado no cuêro do menino.

D. Bembem recebeu o papel e, ao lê-lo, empallideceu.

— Leia isto, mamãe! — disse ella, passando o bilhete a D. Custodia.

A velha, puxou os olhos para a ponta do nariz e, mal verificou o conteúdo do bilhete, vociferou, arregalando os olhos e agitando os braços, furiosamente:

— Eu não te dizia, Bembem; eu não te dizia que esses canalhas são todos a mesma corja?

E para o genro, fuzilando-a com o olhar:

— Veja o seu procedimento, homem desbriado; e responda depois quem é o pae da creança!

Pereirinha ficou perplexo ao dar de cara com o seguinte:

Seu Perêrinha:

Tá hi seu fiu pra o sinhô agustentá. Nunca imaginei qui eu fosse só sua ama mode mi acontecê-me uma déças e o sinhô adispóis dá o fóra.

Sua criada

Maria Joanna.

Presentemente é esta a opinião de D. Bembem sobre os homens:

— Quem confia em homem, merece forca!

Mil.

(Cont. de Antonio Ramos)

sou o actor Antonio Ramos. O senhor quer vêr?

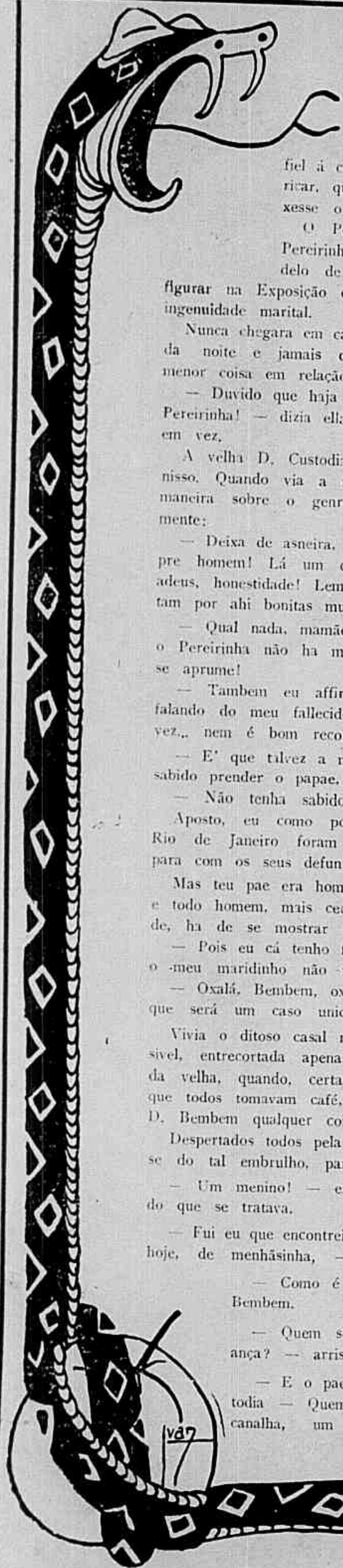
E disparou a dizer uma scena inteira da ultima peça representada, batendo o record da velocidade, com a media de 708 palavras por segundo. Como não houvesse duvida sobre a identidade, por ser o homem inconfundivel, o caixa fez, immediatamente, o pagamento.

Ha, entretanto, quem justifique a loquacidade de Antonio Ramos com uma vaidade nada masculina; a vaidade dos seus dentes.

— E' por isso que elle fala muito! — commenta a Natalina Serra.

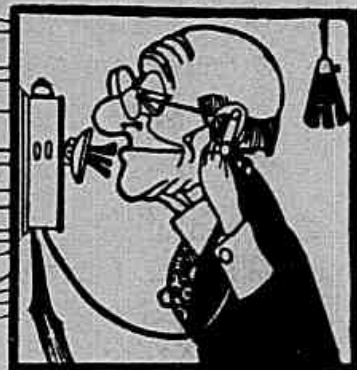
Antonio Ramos vae, porém, aperfeçoando o seu trabalho e augmentando, dia a dia, o numero dos seus admiradores. Dentro de seis mezes, no caminho em que vae, elle estará com 1600 palavras por segundo.

João Kaetano





"POTINS"



Theatro Lyrico

A historia não é nossa, e vem numa caricatura parisiense. Em um theatro lyrico, a soprano canta o seu papel, sob a batuta furiosa do maestro. Na platéa, junto ao pae, o Juquinha estranha aquelle barulho todo, quando indaga, de repente:

— Papae, aquelle homem do cacete quer dar pancada naquella mulher?

— Aquelle homem não quer dar em ninguém, não, meu filho, — corrige o pae; — aquelle homem é o maestro.

E o Juquinha, ainda mais espantado:

— Então, por que é que ella está gritando?

Efeitos da chamma

Conversava-se, em uma roda, sobre os beijos de fogo de uma famosa mundana, a que se ligou um dos nossos mais conhecidos engenheiros.

— Elle anda pallido, branco, de uma anemia pavorosa! dizia alguém.

— E é natural, — aparteu um amigo.

E com a autoridade de quem conhece os effeitos do fogo:

— Elle está «calcinado»!

O outro soube, e... sihiu cinza!

Para molestias da Pelle



Dr. Eduardo Franca

MOYSES — E no amor...

CARLOS — Só se for no amor... da gloria que é a unica cousa que vive mais da imaginação

MOYSES — O amor... então?!...

CARLOS — Quall... meu amigo!... O amor é... ali!... no atracão... como o Damaso... Quando se apaixonar... um dia... sim... por que você parece difficil de apaixonar-se... pois... quando se apaixonar... não perca tempo com as parallelas... vá logo ao fim... onde ellas se encontram... olhe que o infinito ás vezes... está bem perto...

MOYSES — Então uma pessoa não pôde amar em segredo com o coração fechado á vista dos outros?

CARLOS — Sim... o coração pôde estar fechado... para os outros e até mesmo para nós... Brrr!!... Basta que a creatura nos abra... bem... outra cousa.

MOYSES — (escandalizado) Que?!...

CARLOS — (rindo e batendo jovialmente no hombro de Moysés) Ora!... Abra... bem... os braços...

Jan Richora

CONSULTORIO MEDICO DA FABRICA RENY

Sob a direcção profissional do
Dr. Antonio Amarante
Rua Marechal Floriano Peixoto n.º 17
sobrado

Telephone Norte 2343

Tratamento por processos modernos das molestias da pelle:

Eczemas agudos e chronicos, excessos de gordura, queda expontanea do cabello, furunculos e anthrazes;

Extincção definitiva de verrugas, pellos superfluos e de manchas;

Correcção de cicatrizes viciosas e de suas anomalias por processos especiaes.

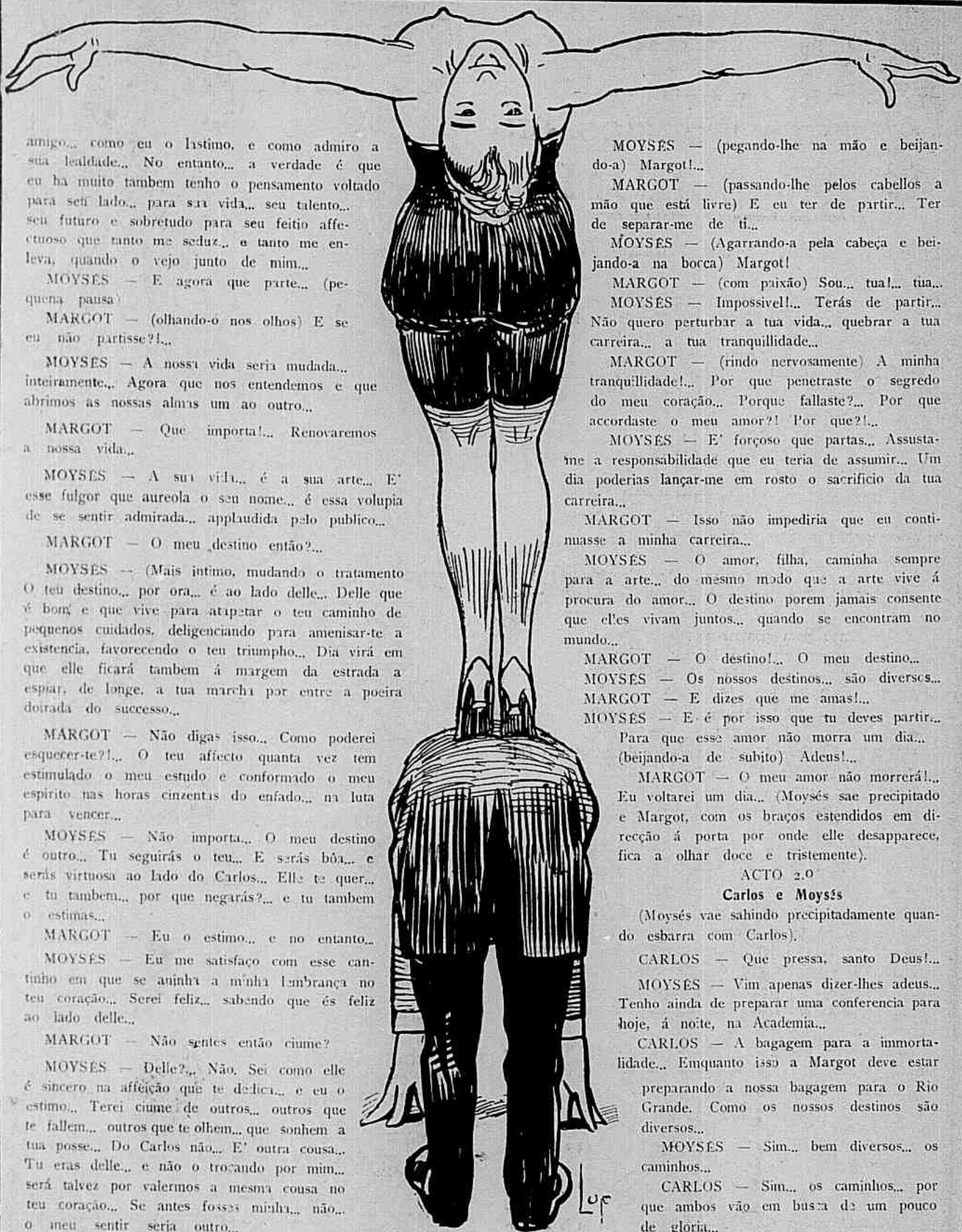
Consultas diarias das 3 ás 5 horas da tarde.

ODORANS

Dentifricio medicinal, o unico que evita a carie e o mau halito.

Uma experiencia custa apenas: liquido: 2\$500
Pasta: 2\$000

A venda em toda parte — Em São Paulo: Casa Lebre — Deposito geral: Casa Hermann, Rio.



amigo... como eu o listino, e como admiro a sua lealdade... No entanto... a verdade é que eu ha muito tambem tenho o pensamento voltado para seu lado... para sua vida... seu talento... seu futuro e sobretudo para seu feitiço affectuoso que tanto me seduz... e tanto me enleva, quando o vejo junto de mim...

MOYSES — E agora que parte... (pequena pausa)

MARGOT — (olhando-o nos olhos) E se eu não partisse?!

MOYSES — A nossa vida seria mudada... inteiramente... Agora que nos entendemos e que abrimos as nossas almas um ao outro...

MARGOT — Que importa!... Renovaremos a nossa vida...

MOYSES — A sua vida... é a sua arte... E' esse fulgor que aureola o seu nome... é essa volupia de se sentir admirada... applaudida pelo publico...

MARGOT — O meu destino então?...

MOYSES — (Mais intimo, mudando o tratamento) O teu destino... por ora... é ao lado d'elle... Delle que é bom e que vive para atipetar o teu caminho de pequenos cuidados, deligenciando para amenisar-te a existencia, favorecendo o teu triumpho... Dia virá em que elle ficará tambem á margem da estrada a espiar, de longe, a tua marcha por entre a poeira dourada do successo...

MARGOT — Não digas isso... Como poderei esquecer-te?!... O teu affecto quanta vez tem estimulado o meu estudo e conformado o meu espirito nas horas cinzentas do enfado... na luta para vencer...

MOYSES — Não importa... O meu destino é outro... Tu seguirás o teu... E serás boa... e serás virtuosa ao lado do Carlos... Elle te quer... e tu tambem... por que negarás?... e tu tambem o estimas...

MARGOT — Eu o estimo... e no entanto...

MOYSES — Eu me satisfaço com esse cantinho em que se aninha a minha lembrança no teu coração... Serei feliz... sabendo que és feliz ao lado d'elle...

MARGOT — Não sentes então ciúme?

MOYSES — Delle?... Não. Sei como elle é sincero na affeição que te dedica... e eu o estimo... Terei ciúme de outros... outros que te fallem... outros que te olhem... que sonhem a tua posse... Do Carlos não... E' outra cousa... Tu eras d'elle... e não o trocando por mim... será talvez por valeremos a mesma cousa no teu coração... Se antes fosses minha... não... o meu sentir seria outro...

MARGOT — Não... Moysés... eu tenho muito orgulho no teu amor... Elle enche a minha vida. Todo o meu fervor pela arte... todo o meu encanto pela pequena gloria de ser applaudida e animada pelo publico, tudo desaparece deante do pensamento... da certeza... de que tu pensas em mim... de que tu me queres... tu me desejas...

MOYSES — (pegando-lhe na mão e beijando-a) Margot!...

MARGOT — (passando-lhe pelos cabellos a mão que está livre) E eu ter de partir... Ter de separar-me de ti...

MOYSES — (Agarrando-a pela cabeça e beijando-a na bocca) Margot!

MARGOT — (com paixão) Sou... tua!... tua...

MOYSES — Impossivel!... Terás de partir... Não quero perturbar a tua vida... quebrar a tua carreira... a tua tranquillidade...

MARGOT — (rindo nervosamente) A minha tranquillidade!... Por que penetraste o segredo do meu coração... Porque fallaste?... Por que accordaste o meu amor?! Por que?!...

MOYSES — E' forçoso que partas... Assustame a responsabilidade que eu teria de assumir... Um dia poderias lançar-me em rosto o sacrificio da tua carreira...

MARGOT — Isso não impediria que eu continuasse a minha carreira...

MOYSES — O amor, filha, caminha sempre para a arte... do mesmo modo que a arte vive á procura do amor... O destino porem jamais consente que elles vivam juntos... quando se encontram no mundo...

MARGOT — O destino!... O meu destino...

MOYSES — Os nossos destinos... são diversos...

MARGOT — E dizes que me amas!...

MOYSES — E é por isso que tu deves partir... Para que esse amor não morra um dia... (beijando-a de subito) Adeus!...

MARGOT — O meu amor não morrerá!... Eu voltarei um dia... (Moysés sae precipitado e Margot, com os braços estendidos em direcção á porta por onde elle desaparece, fica a olhar doce e tristemente).

ACTO 2.º

Carlos e Moysés

(Moysés vae sahindo precipitadamente quando esbarra com Carlos).

CARLOS — Que pressa, santo Deus!...

MOYSES — Vim apenas dizer-lhes adeus... Tenho ainda de preparar uma conferencia para hoje, á noite, na Academia...

CARLOS — A bagagem para a immortalidade... Enquanto isso a Margot deve estar preparando a nossa bagagem para o Rio Grande. Como os nossos destinos são diversos...

MOYSES — Sim... bem diversos... os caminhos...

CARLOS — Sim... os caminhos... por que ambos vão em busca de um pouco de gloria...

MOYSES — São duas parallelas...

CARLOS — (batendo no hombro de Moysés e rindo)... que se encontram no infinito...

MOYSES — Isso deve ser na mathematica...

CARLOS — Na gloria tambem...

EXTRATO DE SROGUEIRA

do pharmaceutico - chimico JOÃO DA SILVA SILVEIRA.
Grande depurativo do sangue — Para Syphilis e suas terriveis
consequencias.

USAE! USAE! USAE!

Agencia de "Publicações Mundiaes" de Braz Lauria

RUA GONÇALVES DIAS, 78 — Teleph. 1968 N.

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Romances Illustrados de PAULO DE KOCK a 1\$500

A educação de Flóra	As ligas da noiva
A filha da porteira	A bella costureira
Amor e ciúme	A rival de sua filha
Casamento forçado	A filha perdida
A Dama côr de rosa	O collar de diamantes

SENSAÇÕES — Regina de Alencar.....	3\$000
CONTOS DO VIGARIO — contos humorísticos de Armando Ferreira	1\$500
AMORES SENIS — romance, por L. Flany.....	1\$500
FARRAPOS DA VIDA — F. Schwalbach - typos, usos e costumes.....	1\$500
UM CABRA PERIGOSO — contos singélos.....	2\$000
A VESPERA DO NOIVADO — conselhos aos noivos e recém-casados	1\$500
AS TREZES NOITES DE JOANNA	2\$000
MEMORIA DE UMA CREADA DE SERVIR.....	3\$000
DESGOSTOS NA VIDA DOS CASADOS — H. Balzac.....	1\$000
QUE É A TERRA? — Guerra Junqueiro.....	1\$000
ENTREVISTA AMOROSA.....	1\$000
ARTE DE SE FAZER AMAR — por Mme. X.	500
A CEIA DE CLEOPATRA	200
O BANHO DE ADELINA	200

PELO CORREIO MAIS 500 rs. SOBRE OS PREÇOS MARCADOS

NOVIDADES POR TODOS OS VAPORES. — REVISTAS, JORNAES E ROMANCES DE TODOS OS GENEROS

VENDE-SE NUMEROS ATRAZADOS D' «A MAÇA»

G RIPPE? Drogaria Werneck
GRIPPOSANOL**O passeio**

Após uma infinidade de promessas, a loura senhora concedeu ao moço escriptor a honra de um passeio em carro fechado, das sete ás oito da noite. Na Avenida do Mangue, o «landaulet» parou, de cortinas arriadas, numa discreção absoluta. Sabendo que iam demorar por alli, o «chauffeur» afastou-se, indo a um botequim proximo. E estava tudo nessa quietude, quando um transeunte que andava á procura de um «auto» se approximou, batendo nos vidros.

— Está occupado? — indagou, com a maior naturalidade do mundo.

— Ha aqui tres pessoas! — respondeu o rapaz, de dentro, para afastar qualquer suspeita do importuno.

E dizendo isso, dizia, talvez, uma verdade...

Os melhores artigosOs menores preços**CASA YORK****CAMISARIA****22 a 26 Assembléa**

Esquina da Rua do Carmo

ANTHOLOGIA GALANTE

O LEOCADIO E A VIUVA

(Pag. da «Casa de maribondos»)

Chegando á Fortaleza, vindo do Amazonas, onde não fôra feliz em negocios, o Leocadio Mendonça decidiu-se a arranjar um casam... rico, afim de se installar convenientemente vida. Soube logo que a viuva do João Barreira possuia mais de oitocentos contos de réis, dos quaes a metade em apolices.

Resolveu físgal-a o mais depressa possivel. Era um rapagão forte, decidido, nada feio, antes pelo contrario. Por que motivo não o haveria de acceitar aquella gorducha de oculos, já com quarenta e cinco annos nas largas costas?

Começou a passar repetidas vezes pela sua porta, a seguil-a á missa, aos domingos, a conversar com ella, demoradamente, nas festas, de modo que todo o mundo notava a sua assiduidade e rosnava uma quantidade de coisas.

Ella, a dona Adelaide, era uma senhora de muita educação, de muita experiencia, de muito criterio e de muito juizo. Ao principio acceitou todas aquellas corteziias para não ser indelicada com quem era tão gentil, mesmo talvez lá no fundo de sua alma houvesse uma certa gratidão de amor proprio feminino lisongeado pela assiduidade daquelle rapagão. Mas o seu profundo bom senso não a deixou embriagar-se com esse pensamento. Verificou logo o que poderia elle desejar e querer. Decidiu terminar com aquelle ridiculo namôro, de que aliás não tinha a menor culpa, pondo tudo num instante em pratos limpos.

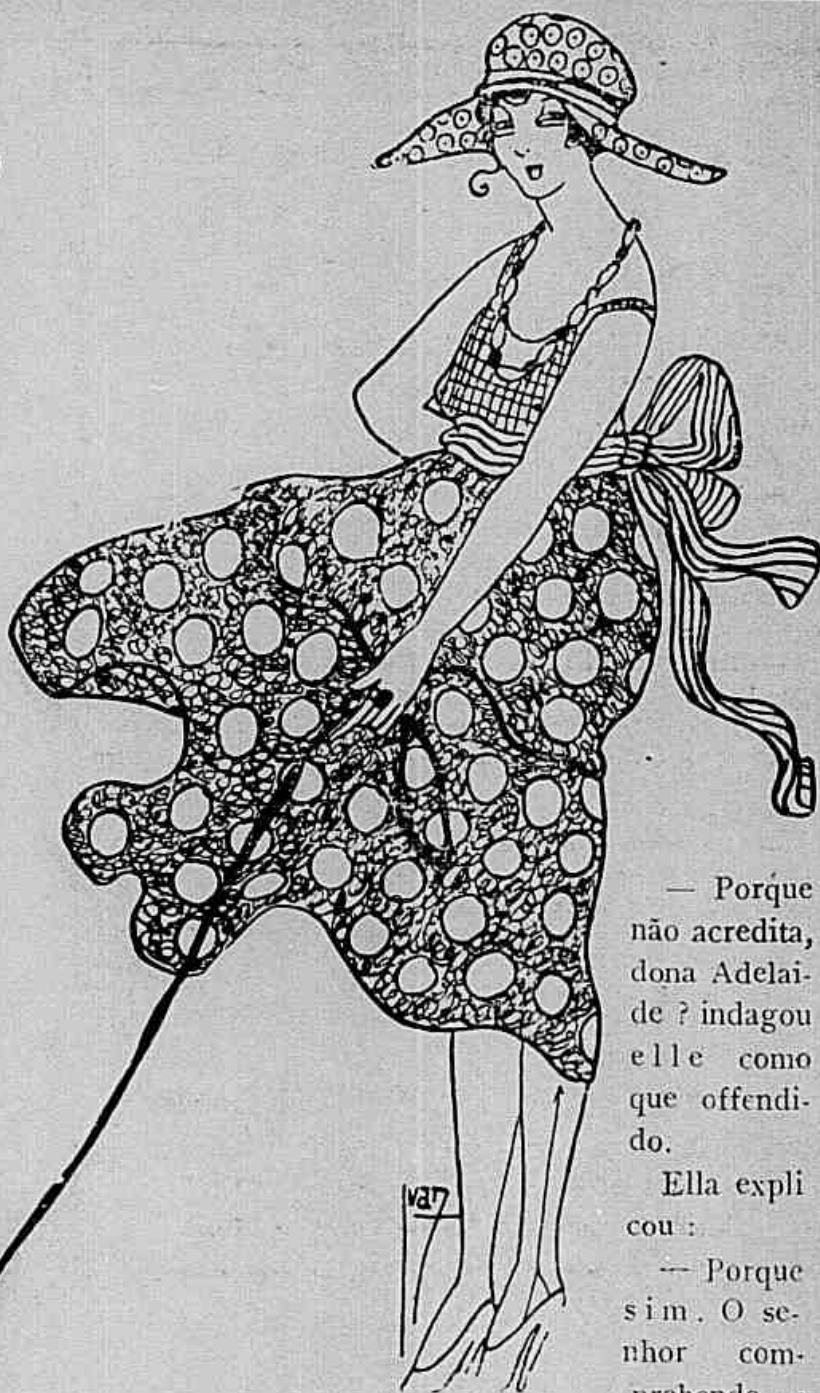
Na primeira occasião em que se encontraram, numa festa em casa do deputado Tobias, ella perguntou-lhe frente a frente, decidi a nen-

te, por que não a deixava um momento. Elle sorriu e replicou baixinho, sem hesitar:

— Porque estou verdadeiramente apaixonado pela senhora.

Ella deu uma risada e tornou, admirada e ironica:

— Por mim, meu caro senhor! Deixe-se de fingimentos. Não vê que não acredito nisso.



— Porque não acredita, dona Adelaide? indagou elle como que offendido.

Ella explicou:

— Porque sim. O senhor comprehende:

eu posso ser sua mãe. Eu tenho quarenta e quatro annos e o senhor tem no maximo vinte e cinco!

O Leocadio respondeu com o maior cynismo, lambendo os beiços e suspirando:

— A senhora tem quarenta e quatro annos, mas ainda é muito aproveitavel!

Gustavo Barroso

A Supplica

O templo estava cheio, repleto de gente chic, da alta aristocracia mundana, quando aquella moça de vinte e cinco annos entrou, ajoelhando-se, na maior contricção.

— Minha mãe Santissima! — gemeu, a voz doce, os olhos ao altar. — Eu não quero mais o noivo que vos pedi.

E as mãos juntas:

— Eu prefiro que faças, minha Nossa Senhora, com que saia para mim aquelle bilhetinho da loteria da Cruz Vermelha, a correr em novembro. Com elle, eu terci conforto, paz, felicidade... e o noivo!



LUETYL

é o melhor remedio para o tratamento de todas as enfermidades provenientes das impurezas do sangue e da syphilis.

✦ Poderoso fortificante. ✦

UM SO' VIDRO FORTALECE E AUGMENTA O PESO DE 1 A 3 KILOS E AS VEZES MAIS



Unico especifico adoptado nos hospitaes do Exercito e da Marinha depois de OFFICIALMENTE, estudado e experimentado, ficando provado o seu incomparavel
: : : valor : : :



Unico receitado pelos especialistas para o tratamento e diagnostico da syphilis, por ser de efeito muito rapido e absolutamente inoffensivo a qualquer organo
: : : nismo : : :



Um vidro de LUETYL vale por cinco ou dez de qualquer outro. Experimente.

Tomando um vidro de Luetyl e não sentindo melhora, não deverá tomar outro, porque não sentindo melhora alguma, o que soffre não é devido syphilis ou sangue impuro.

QUARANT

TONICO SUPREMO

Magreza, velhice precoce, espinhas de origem intestinal. Base de genuino e concentrado guaraná - kcl - cocca - arsenic-phosphatos, nix vomica, etc.

A mesa e a tribuna

Em um jantar de intimidade, na residencia de uma das senhoras de espirito mais vivo que ha no Brasil, conversava-se animadamente, quando o creado appareceu com uma terrina de prata, cheia de macarrão, que devia ser temperado á mesa, á maneira italiana.

— Quem deve prelaral-o é a senhora mesmo, — observou mme. R. — A senhora não têm sangue italiano ?

— Sim, — confessou a dona da casa; — mas quem deve fazer isso é o Mauricio.

E mandando entregar a terrina ao dr. Mauricio de Lacerda :

— Mauricio, você não tem o habito de levantar as «massas» ?

ESPECIALIDADE EM
TECIDOS INGLEZES

Albuquerque

ALFAIATE

Tel. C. 4585

RUA 7 DE SETEMBRO N. 97 - Sob.



EXPEDIENTE:

"A MAÇA"

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro X. X. — Proprietario:
Humberto de Campos. — Redacção: Rua SACHET, 28.

Estados:

Anno 25\$000
Semestre 13\$000
Numero avulso 8600

Capital:

Numero avulso 8500
atrazado 8600

Agentes para os Estados:

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

Tabella para Anuncios:

1 pagina.....	200\$000	1/8 pagina.....	35\$000
1/2 ".....	110\$000	Capa a duas côres.....	450\$000
1/4 ".....	60\$000	" " trez ".....	600\$000

Tratar directamente na gerencia com o Sr. Jorta Abreu.

Telephone N. 4594

COMP. DE LOTERIAS NACIONALES DO BRASIL

Extracções publicas sob a fiscalização
do Governo Federal, ás 2 1/2 e aos sabbados
ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Hoje, 14 de Outubro, Ás 3 horas da tarde

GRANDE E EXTRAORDINARIA LOTERIA

100:000\$000

INTEIROS, 22\$000 — EM DECIMOS

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na séde da
Companhia á Rua 1.º de Março, 88.

O caminho certo

Dizem que a encantadora creaturinha myope
e de modos bohemios não tem espirito para tanto.
Imitando, ou não, o certo é que o jovem medico,
seu admirador antigo, recebeu a mais opportuna
das respostas.

Sahiam os dois de um salão amigo, em dia de
festa, quando o rapaz, não se podendo mais con-
ter, gemeu, entre um sorriso e uma supplica:

— Fulana, você me diz uma cousa?

— ?

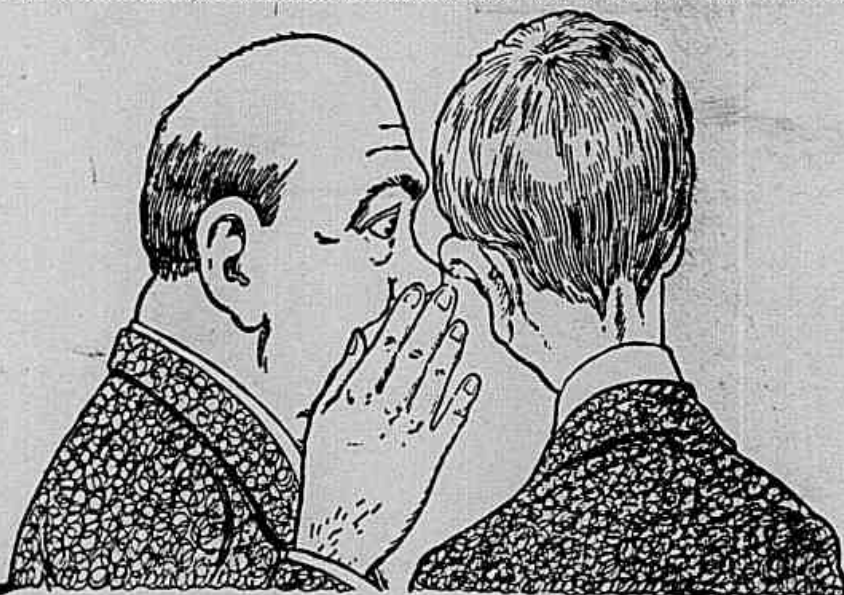
— Por onde é o caminho que leva á tua
bocca?

A mocinha comprehendeu a redundancia, para
pedido de um beijo, e encarou-o.

— Você não sabe, Fulano?

E rindo, tambem:

— E' pela Pretoria!



FALLE BAIXO...

USE

Injecção Glycerina

de ABREU SOBRINHO

RUA DA LAPA, 6 — RIO